

## Edimilson de Almeida Pereira

Poemas extraídos do livro inédito **qvasi: segundo caderno** (2013)

MISSIVAS



**OFÍCIO**

Tatear a origem  
é iludir-se.

O escrito, à mercê  
do que foi dito,

inaugura outro país.

O que se dá nos mapas  
em forma  
de província, urbe  
& melhorias

não é senão um caco  
de palavra.

A origem ressona  
grave,  
sem nação ou pacto.  
Há quem a leve

no bolso, em crimes  
que nos deserdam.

Outros a curtem sob a  
forma  
de bois de aluguel.

Ou a costuram em óleos  
santos.

Mas há os ferinos e seu  
*humour*  
que tira o minério  
das conchas.

Por eles a origem despista  
rendas, misérias  
e outros benefícios.

Pela origem  
somos-não-somos.  
Espécie que escreve  
para esquecer.

\*

**ALTO  
DAS CABEÇAS**

Esta calva sinuosa paisagem  
pertence ao juízo  
dos mortos, não figura  
na cidade,

não contorna os mapas  
que fizeram  
história: esta calva sinuosa  
morte

padece de motivos,  
flutua  
entre os movimentos  
da derrota.

Pelo menos é o que se  
pensa  
dessa postal vertido  
para o abismo.

É o que se pensa  
do enforcado que maneja  
um grito,  
apesar da língua

crispada e negra.  
É o que  
se pensa sobre a força  
como se fosse

uma escola de silêncio.  
É o que – deixemos  
o fato pesar  
por si mesmo –

restaura para os mortos  
a fortuna  
dos vivos: ir ao parlamento,  
ao mar

como quem supre  
sua fome menos com o pão  
ou a carne,  
menos com a gordura

de que se alimenta  
o faminto, menos, portanto,  
que uma boca  
a morder aquilo em que não  
pensa.  
A calva sinuosa paisagem,  
onde rolaram  
cabeças,

se dobra em larga página.  
Seguem por ela  
(a seu ágio)  
os calcanhares dos mortos.

\*

## INVENTÁRIO

Sobre a mesa  
a pátina.  
Mais que ela o  
acúmulo

de uma e outra  
vinha.  
A idade  
delata esse hábito,

a dureza  
que mostra, no fim,

a serventia  
das unhas.

Sobre a mesa  
terrinas desequilibram.  
O gesto  
de ampará-las

acelera sua derrota.  
Por esse  
regozijo novo  
seguem

cartas e receitas,  
o apocalipse.  
Sobre a mesa  
há quem

diga ter-se perdido  
no século,  
irmão de urinóis

e outros futuros  
adiados.

\*

A distância reside  
na letra,  
**SUMÉRIA** mais que entre os lugares.

A cavalo  
se corta várzea  
e agreste.

A distância cede  
às patas  
de um qualquer

transporte.

Vara-se, furta-se ao pó  
a função  
de alongar as horas.

Troca-se a manta,  
o cavaleiro.

Tudo se volta  
contra o empenho  
da morte.

Trapaceia-se, doa-se,  
todo recurso encurta  
a rota.

Porém, chegar ao nome  
tatuado  
de um lugar

não se logra.

---

Edimilson de Almeida Pereira nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 1963. É docente de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Na área de antropologia social publicou, dentre outros, os livros *Mundo encaixado: significação da cultura popular* (1992) e *Do presépio à balança: representações sociais da vida religiosa* (1995). Sua obra poética foi reunida nos volumes *Zeosório blues* (2002), *Lugares ares* (2003), *Casa da palavra* (2003) e *As coisas arcas* (2003). Seu livro mais recente, *Homeless*, foi editado em 2010. Autor de uma

poética caracterizada por diferentes linguagens e *personae*, que colocam a poesia em diálogo com a História, a Etnografia e a Antropologia, Edimilson Pereira teve sua obra analisada em diversos textos críticos, dentre eles o livro *Recitação da passagem* (Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010), de autoria de Maria José Somerlate, docente de Literatura Brasileira na Iowa University, nos Estados Unidos. O autor publicou, em 2013, o livro *Blue note: entrevista imaginada*, pela Editora Nandyala, de Belo Horizonte.